

E la nave và... Nel blu, ti pinto di blu... Cruzeiros turísticos: cidades flutuantes e paisagens musicais¹

Heloísa de A. Duarte VALENTE²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

Resumo

Este texto parte do conceito de “paisagem sonora” (Schafer, 2001) para estudar a função da música ambiente nos cruzeiros turísticos. Parte-se de um panorama histórico, apontando algumas características do repertório, da *Belle Époque* até a contemporaneidade. Discute-se a função da música como Muzak e forma de entretenimento, no âmbito de uma “cultura de lazer” (Morin, 1969), tendo em conta o perfil econômico e intelectual dos frequentadores-turistas; as relações entre dispositivos tecnológicos e possibilidades performáticas e poéticas dos arranjos e adaptações de repertório.

Palavras-chave: paisagem sonora; cartões postais sonoros; cruzeiros marítimos; Muzak.

Sobre as ondas... (Introdução)

Composta em 1888, *Sobre las olas*, é o título de uma valsa de autoria do compositor mexicano Juventino Rosas (1868-1894). A despeito de sua breve existência, é reconhecido como o mais importante compositor de música de salão de seu país. Dentre um total de 50 obras, incluindo mazurcas, schottisches, danças, esta valsa que cruzou o planeta e ficou conhecida como música de fundo³, que habitualmente acompanha números de trapezistas circenses⁴ de toda parte. E, ao evocar Rosas e os corpos que se lançam sobre o ar, em saltos mortais, contrapõe-se a ideia a que o título originalmente alude. É interessante destacar que esta valsa é de características notadamente vienenses, a ponto de, não raro, ser atribuída a Johann Strauss (DIAMOND, 2015).

E a época do apogeu da valsa vienense coincide com a invenção dos cruzeiros marítimos, na *Belle Époque* – outra razão para evocarmos esta valsa. O mundo tecnológico avançava

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, no 41º Congresso de Ciências da Comunicação.

² Professora titular no Programa de Pós-Graduação e Cultura Midiática, UNIP, email: musimid@gmail.com.

³ Há de se destacar que se usa de maneira inadequada classificações como “música de fundo”, “trilha sonora”, dentre outros. Neste momento, referimo-nos a peça musical – geralmente reprodução pelos alto-falantes de uma gravação em disco – que acompanha alguma ação cênica ou espetáculo.

⁴ Embora não tenhamos encontrado evidências comprobatórias, é possível que esta valsa tenha sido adotada ainda no século XIX, no circo europeu moderno, quando este começa a incorporar números musicais, aproximando-se do teatro de variedades.

a larga escala e o advento da iluminação elétrica transformaria os modos de vida. Luxúria e dandismo, *douceur de vivre* fariam o contraponto à vida fabril. Assim, ao mesmo tempo em que a burguesia se dava ao luxo dos passeios de lazer nos transatlânticos, pessoas escapavam da fome e das guerras em condições insalubres e sem o mínimo de conforto, acomodadas na terceira classe. Muitas delas morriam ao longo do caminho, tendo seus corpos atirados ao mar.

A travessia dos imigrantes pobres era sofrida: no caso da imigração portuguesa para o Brasil, a partir de 1920, “(...) os vapores ou paquetes, como eram designados, passaram a dispor de quatro classes: as três primeiras possuíam cabines e, a última era reservada aos emigrantes, onde vinham amontoados, em porões abafados, mal iluminados, e geralmente superlotados, onde eram evidentes as más condições de higiene” (MONTEIRO, 2012). E saga semelhante foi vivida por imigrantes de outras nacionalidades e destinos, provenientes da Europa (espanhóis, italianos), mas também do Oriente Médio (sírios, libaneses) e do Extremo Oriente (Japão). Para estas pessoas, a navegação sobre as ondas não ofereceria nada de poético e prazeroso, diferentemente do que sugere a valsa “vienense” de Rosas.

Guerras sucederiam e os transatlânticos seriam o meio de transporte de imigrantes e exilados, até a substituição pelo transporte aéreo. A partir de então, os navios estariam antes destinados à marinha mercante, até que a volta dos cruzeiros de lazer, de curta duração, destinados à classe média em férias retornasse à cena.

Nas páginas que seguem, apresentamos algumas notas sobre a evolução dos cruzeiros marítimos, neles procurando desvendar como se caracterizava a paisagem sonora⁵ - e, sobretudo, musical - em alto-mar, tendo em consideração que a música acompanha a vida das pessoas, na sua esfera cotidiana, assim como nos momentos de ruptura da rotina.

Os cruzeiros turísticos: dos salões da “classe A” aos porões dos marginalizados.

Sucesso vertiginoso de bilheteria, por longo tempo, o longa-metragem Titanic (David Cammeron, 1997) serviu-se de uma tragédia de grandes proporções tomando, como fio condutor, uma espécie de romance impossível, à maneira de um Romeu e

⁵ A expressão é adaptação do neologismo criado pelo compositor (*soundscape*). Estudar da paisagem sonora significa analisar o meio ambiente acústico, não importando sua natureza. No presente caso, tomamos como estudo de caso os repertórios musicais executados no navio.

Julietta. Aqui, o casal protagonista representa a realidade contrastante dos cruzeiros marítimos, do início do século XX: de um lado, o imigrante pobre, que busca uma oportunidade de vida, ao emigrar para os Estados Unidos; de outro, a jovem burguesa, comprometida maritalmente com alguém que não ama, por conveniência: recuperar as finanças da família falida. Já se sabe do desenlace trágico, em que a moça se salva do naufrágio, enquanto que seu amado sucumbe tragado pelas águas geladas.

O navio em questão – e que dá título ao filme - foi lançado ao mar em 14 de abril de 1912, com a garantia de segurança total. A era vitoriana prosperava com a revolução industrial e a naval seguia caminho similar. A companhia The White Star, armadora do Titanic havia sido fundada em 1850, passando para outros proprietários, até multimilionário estadunidense, decidir lançar o *Titanic*, o *Olympic* e o *Britannic*, todos da *Olympic Class Liners*. Estes três titãs do mar teriam música ao vivo, por profissionais do mais alto nível.

Dentre vários trabalhos de natureza científica ou poética, sobre o naufrágio, optamos por estudar a paisagem sonora (Schafer, 2001) e musical, dada a farta documentação existente acerca da vida no malfadado transatlântico.

O encarte que acompanha o disco *And the band played on*, interpretado pelo quinteto de cordas *I Salonisti* (Decca, 1997) descreve o trabalho dos músicos do *Titanic*: Havia dois conjuntos de cordas distintos: um quinteto tocava regularmente para divertir os passageiros da primeira classe, enquanto que um trio, de sabor continental ofertava serenatas. Eram 352 obras, no total, incluindo aberturas, trechos de ópera, música sacra, *intermezzi* de suítes e fantasias, valsas, marchas, *cake-walks*. Frise-se que os músicos deveriam saber de cor todas as peças, incluindo, ainda, as canções em voga, na época.

O trabalho era árduo: a jornada começava ao meio-dia, na hora do almoço, no restaurante, e prosseguia no chá-dançante da tarde, além de recitais em trio, em tocavam deambulando pelos ambientes; ao jantar, novamente retomavam os instrumentos e a música deveria continuar após a refeição; não raro, um baile no final da noite esticava a jornada de trabalho. É também sabido que, de fato, os músicos desempenhariam papel relevante, quando do acidente, ao acalmar os naufragos, enquanto se aguardava por socorro⁶.

⁶ O texto confirma que na noite da tragédia, os músicos se reuniram todos no salão da primeira classe, executando obras mais alegres, com o objetivo de encorajar o ânimo dos passageiros. À parte as narrativas criadas em torno do desastre, é fato que os músicos permaneceram no navio, cedendo seu lugar nos botes salva-vidas a outros passageiros.

O quinteto *I Salonisti*⁷ gravou um disco com repertório que haveria sido executado no *Titanic*. O repertório inclui as seguintes obras:

- 1 Comic cake walk (Robert Vollstedt)
- 2 Destiny (Sidney Baynes)
- 3 El capitan (John Philip Sousa)
- 4 Lieder op. 6: n. 6 Net tol'ka tot kto znal (Piotr Ilic Tchaikovsky)
- 5 Molly on the shore (Percy Grainger)
- 6 Cavalleria rusticana: *Intermezzo* sinfônico (Pietro Mascagni)
- 7 Lysistrata: Gavotte Pavlova (Paul Lincke)
- 8 Schwanengesang D.957: Ständchen (Franz Schubert)
- 9 Elite syncopations (Scott Joplin)
- 10 Sangue vienense, Valsa op.354 J(ohann Strauss Jr.)
- 11 Cavatina (Joachim Raff)
- 12 Everybody's doing it now (Irving Berlin)
- 13 Humoresques op.101: n. 7 (Antonin Dvorak)
- 14 Pompa e circunstância, op.39: n. 1 (Edward Elgar)
- 15 Nearer my God to thee (Mason & Adams)

Como se pode observar, trata-se de uma coletânea bastante variada, em que peças avulsas se mesclam com trechos de obras de longa duração; igualmente, misturam-se gêneros e funções (obras sacras com música de dança), estéticas (ópera, canção popular) e condições de escuta. Em suma, música de toda a espécie ganha dimensões espaciais e acústicas do quinteto de cordas, permitindo uma limitação na intensidade (potência, em decibéis), um nivelamento no timbre e uma oscilação pouco contrastante no *tempo* e nos modos de ataque; em contrapartida, melodias extensas podem ser prolongadas com os movimentos do arco. Some-se, além do mais, que transformadas em peças instrumentais, a ausência de um cantor, incorporando um discurso verbal, constrói um ambiente apropriado para a conversação comedida.

A ver navios...

A lenda do pianista no mar (Giuseppe Tornatore, 1998) igualmente acena para a virada do século XX e a era das grandes imigrações: o protagonista, alcunhado 1900, nasceu no navio naquele ano e foi abandonado pelos pais imigrantes. Adotado por um foguista, passaria toda a sua vida no navio, sem jamais sair dele. Tornar-se-ia pianista autodidata, a ponto de se tornar atração principal dos viajantes. Os felizardos que podiam

⁷ O quinteto foi constituído para o filme de Cameron e com o sucesso, teve prosseguimento, com a mesma formação instrumental. No referido disco, participam os músicos: Thomas Füre e Lorenz Hassler (violinos); Ferenc Szedlák, violoncelo, Béla Szedlák (contrabaixo) e Werner Giger (piano).

escutar o *virtuose* excêntrico não seriam quaisquer, pois 1900 tocava para a fina-flor da primeira classe....

Um navio de cruzeiro desenvolveu-se com a concepção de uma sociedade dividida em classes: a primeira classe, dos endinheirados que exigem luxo e luxúria, em atividades de *voyerismo* – promoção de uma autoimagem gloriosa e glamurosa, a ser exibida e propagada na mídia dedicada a “alta sociedade”. Além do capital financeiro, entram como “elementos decorativos” artistas, gente da alta-sociedade, esportistas (etc.) com a finalidade de sustentar o *glamour* e brilho, especialmente na partida e na chegada ao porto (ELISEO e PICCIONE, 2001, p. 10), onde exibem seus corpos, acenando e distribuindo sorrisos. As outras classes compõem gente comum, mas que compartilha, ainda que parcialmente. Em Santos, um dos principais pontos de atracagem, o alemão *Cap Arcona* ficou conhecido como “Rei da América do Sul” entre 1927 e 1939, quando foi transformado em navio-alojamento das forças armadas da Alemanha (SCHIAVON in GIRAUD, 2001,p. 138-139).

Mas, antes da vocação predominantemente turística e de diversão⁸, transatlânticos serviram para transportar imigrantes para o *Novo Mundo*; escapando da guerra e da fome, estrangeiros pisavam em terra firme após semanas. O *Kasato Maru* atracou em Santos em 1908, trazendo os primeiros 781 japoneses, de 165 famílias; em 1910, chegam, pelo *Royoujun Maru*, 906 pessoas (AKIO, in GIRAUD, 2001, p. 120)

Laire J. Giraud, despachante aduaneiro e colecionador de postais de Santos e de transatlânticos antigos publicou, em 2001, uma brochura curiosa sobre estas embarcações e sua presença na cidade. Farto em reproduções de fotografias e cartões postais, Giraud oferece informações que permite avaliar o impacto da experiência dos cruzeiros, de todas as bandeiras, na rotina da sociedade que chegava e partia do maior porto da América Latina. Hélio Schiavon, colabador da obra, informa que todas as nacionalidades estiveram presentes, sendo a italiana a mais assídua: Na década de 1920, dentre os italianos, marcaram época o *Principessa Giovanna*, o *Principessa Mafalda*;na década de 1940, *Conte Biancamano*, *Conte Rosso*, *Conte Grande*, *Anna C.*, *Andrea C.*, *Enrico C.*, *Cristoforo Colombo* e *Eugenio C.* (*Eugenio Costa*), o mais popular de todos, por singrar os mares da região por mais de 30 anos (SCHIAVON in GIRAUD, 2001,p. 138).

⁸ O *slogan* da Costa Cruzeiros “navighiamo per divertirvi” o atesta...

Não comentaremos as consequências e o impacto da aviação no transporte intercontinental. Mencionemos apenas alguns dados estatísticos: Apoiado em William Miller, Giraud aponta os números: “Em 1959, o avião suplantou o navio, transportando 1,5 milhão de passageiros contra 900 mil por mar. Nos anos 60, apenas 5 em cada 100 pessoas cruzavam o Atlântico de navio. Assim, os transatlânticos de carreira começaram aos poucos a desaparecer” (2001, p, 101).

Transformados em meio de lazer e entretenimento, os transatlânticos deveriam oferecer comodidades específicas: salões, *spas*, boates, bares, restaurantes, shows em teatros. O pioneiro foi o Caronia, da Grã-Bretanha, lançado ao mar em 1948, prossegue Schiavon (in GIRAUD, 2001, p. 139). Como se pode constatar, o formato se repete há décadas, com alterações sobretudo na construção, na quantidade de passageiros que comporta⁹; e, claro, no impacto da tecnologia – o que garante maior segurança na navegação, facilidades de comunicação e, no que diz respeito à produção artístico/musical, uma importante redução nos custos. (Sobre esse tema, cabe uma análise mais detalhada, adiante).

Emoções em alto-mar:

A Itália é, hoje, o país que mais comporta armadoras de navios de cruzeiros turísticos, tendo ultrapassado as antigas e tradicionais companhias; mais que isso, a indústria naval do país cresceu vertiginosamente, a partir da década de 1930.

O cruzeiro marítimo oferece uma experiência estética que se consome na cidade flutuante que se move em alto-mar – o navio-, que comporta uma população temporária entre 3000 e 5000 pessoas a cada semana, além da tripulação¹⁰ e os navios mais antigos passam por reformas para ampliar o número de cabines, sobretudo de cabines externas com varanda. Hoje os cruzeiros de turismo não se limitam às atividades de lazer das camadas abastadas da sociedade e conta com a presença da música ao vivo, em vários dos seus salões,

⁹ Giraud relata que entre 2000 e 2001 88 650 turistas passaram pelo Concais (terminal marítimo de Santos), sendo 16 530 deles em trânsito; o ano seguinte já anunciava mais de 90 000 (2001, p. 112)

¹⁰ Os novos transatlânticos que vem sendo lançados ao mar têm, cada vez mais, uma capacidade maior de acomodação de passageiros. As categorias não se limitam às categorias cabine interna, externa, externa com varanda e as suítes (em menor quantidade), mas passam a ter uma outra categoria, a “promenade”-entenda-se, com vista para o pátio interno. O Allure of the Seas conta com 7 bairros (sic), 25 restaurantes e uma tripulação de 2834 funcionários, conforme informa a página da Royal Caribbean: <http://www.royalcaribbean.com.br/findacruise/ships/class/ship/home.do?dest=&shipClassCode=OA&shipCode=AL&br=R>.

consumindo gêneros musicais diversos. Este traço se manteve presente nos dias atuais, como antigamente, mas com um diferencial importante: Preserva-se a presença física do cantor, que se acompanha ao piano ou violão; os músicos deram lugar à maleta contendo computador, mesa de som, alto-falante. (Voltaremos a este tema).

Como atividade de lazer, o cruzeiro se inseriu rapidamente no âmbito da cultura de lazer para as massas: o turismo. Esse foi um dos aspectos analisados por Edgar Morin em seu clássico *Cultura de massas no século XX* (1962). Para o sociólogo francês, a cultura do lazer emerge como emprego do “tempo livre” – sobretudo quando o tempo de duração do trabalho braçal, no âmbito doméstico é reduzido (MORIN, 1969, p. 71-73). Distinto das festas e rituais, este tempo livre será largamente ocupado pelas viagens de fim de semana e pelas férias (MORIN, 1969, p. 77).

Atividade inserida no âmbito daquilo que veio a denominar-se como cultura de massa, o turismo transforma-se em *consumo*: de quilômetros, comidas, rituais, locais. O turista *percorre, adquire*: cruza oceanos, mares e rios, consumindo, não raro desmesuradamente, “coquetéis do dia”, torneios de *black jack*, roleta e pôquer... Mas também as bugigangas que recolheu nos portos de rápida atracagem. De volta ao lar recolhe, além das prestações a pagar, as reminiscências da experiência, materialmente consubstanciadas nos *souvenirs* (MORIN, 1969, p. 78).

Acrescentamos que também as lembranças de paisagens sonoras e musicais se agreguem ao somatório de lembranças memoráveis. Os cruzeiros marítimos oferecem paisagens sonoras não raro consecutivas e simultâneas, fazendo soar diferentes repertórios, *performances* e plateias, que variam de acordo com o local e o horário. De outra parte, esses mesmos receptores se igualam à medida que usufruem (d)o mesmo repertório.

Nos cruzeiros temáticos, evocam-se os “cartões postais sonoros” das localidades evocadas. No geral, tais cartões postais sonoros se mesclam a uma paisagem sonora fabricada, a partir de uma seleção de repertório pré-selecionado¹¹; orientado por uma estética inusitada, que não corresponde nem à paisagem sonora e musical contemporânea, nem à antiga, das cidades visitadas. Ao fim e ao cabo, compõem-se não-lugares (AUGÉ,

¹¹ No caso dos cruzeiros Prata, versões *eletrônicas* de *Por una cabeza*, *El día que me quieras*. A noite “italiana” parte de *remixes* de *Nel blu ti pinto di blu* (Volare), *O sole mio* etc. Estas peças tradicionais de repertório são embalsamadas em sucessos recentes de espetáculos da Broadway ou equivalentes. Vale acrescentar que a língua é quase sempre em inglês (numa totalidade de turistas brasileiros que desconhecem o idioma) e os intérpretes de várias nacionalidades.

1994), ou seja: as localidades deixam de apresentar uma identidade sonora ou musical própria.

Acrescente-se que há particularidades, dentre os cruzeiros temáticos, delimitados pelo perfil religioso, afinidades esportivas, militância e gênero, faixa etária (dentre outros); interesses pessoais dos turistas: diversão, boa-forma, vivências amorosas. De um modo ou de outro, a presença da música será inevitável, uma vez que conduz praticamente todas as atividades de recreação, cultura e lazer oferecidas nos pacotes de viagem.

No caso dos os Cruzeiros Prata, oferecidos pelas armadoras Costa, MSC e Royal Caribbean, ou Prata *alla Italiana*, geralmente mais procurado por viajantes em idade madura, o diretor artístico costuma aproximar alguma parte do repertório ao que corresponde aos países a serem visitados, com ênfase à Itália das décadas de 1960-1970, não somente pelo fato de que a maioria das armadoras que permanecem na costa brasileira têm origem italiana mas, sobretudo, porque os frequentadores apreciaram esse repertório nos seus anos de juventude. Lembrá-los, cantar junto essas peças traz a uma alegria nostálgica...

Como dissemos, houve uma queda vertiginosa dos cruzeiros, a partir da década de 1950, quando a transposição de longas distâncias trocou o mar pelo ar. Houve uma retomada mais efetiva no final do século XX e há de se reiterar que a o começo do século XXI os cruzeiros de turismo tiveram sensível aumento na procura, o que chegou a causar problemas de ordem logística nos portos. Senão vejamos alguns exemplos das ofertas para 2015: houve 19 cruzeiros temáticos na temporada brasileira e sul-americana de cruzeiros: os cruzeiros *gourmet*, *fitness* e dança, até viagens com festivais de rock e sertanejo. O mais procurado, Emoções em Alto Mar, com shows do “Rei” Roberto Carlos, a bordo do MSC Preziosa, da MSC Cruzeiros (4 de fevereiro). Rumo ao nordeste (Ilha Grande e Búzios), o MSC Preziosa realizou o cruzeiro “Energia na Veia” (Rádio Energia 97FM, de São Paulo), em sua 9ª edição (26 de fevereiro), tendo como atrações estão o grupo de *Eurodance 2 Unlimited* e Leo Jaime, além de disc-jóqueis.

Além destes, em março, foram oferecidos o Wood's On Board (música sertaneja), no Splendour, com a presença de Michel Teló, Fernando & Sorocaba e Bruno & Marrone (6 de março); já a Costa promoveu o temático Sênior e o gourmet (7 de março), com oficinas e degustações de pratos feitos por *chefs* famosos. A Royal Caribbean repetiu a receita, no Splendour (13 de março).

A Costa promoveu a 13ª edição do cruzeiro Bem-Estar, no Costa Favolosa, incluindo clínica de tênis com Carlos Alberto Kirmayr. O MSC Poesia ofereceu o cruzeiro de dança Baila Comigo (7 de fevereiro) com aulas de ritmos latinos e brasileiros. Já o maestro Marcelo Recski coordenou o Cruzeiro Vocal, com oficinas de voz e corpo, destinado a grupos corais, com três dias de duração (Santos-Búzios, 10 a 13 de abril)¹².

Con te partirò... (Um relato quase etnográfico, em primeira pessoa)

A realidade cotidiana está permeada de música. São raros os eventos que não tenham qualquer tipo de apoio nos produtos dessa linguagem. De fato, a paisagem sonora da vida cotidiana está pontuada de trilhas sonoras: do inevitável Muzak, que tenta criar um ambiente de acolhimento e aconchego em muitos locais públicos; os programas de rádio, televisão, *jingles*, sítios de Internet... e também nos cruzeiros de turismo: boa parte da atividade turística se dá, pelo consumo de signos musicais: os repertórios que compõem o álbum de “cartões postais sonoros” que figuram no cardápio dos restaurantes, casas de espetáculo e, sobretudo, nos espetáculos “típicos”. Tudo isso será vendido no DVD do cruzeiro – basta passar o cartão de crédito do navio e a lembrança estará garantida!

Do outro lado do Atlântico, David Cashman¹³ relata sua experiência como músico no *Carnival Paradise*, entre 3 e 5 de abril de 2009. O percurso incluiu Long Beach (Califórnia) Ensenada, México no sábado, com navegação no domingo. Como relata o autor, a experiência não sofre mudanças sensíveis, a não ser o repertório selecionado: navios de cruzeiro dessa categoria foram concebidos para criar um mundo de fantasia; oferecem, assim, uma experiência hiper-real, em que a vida é encapsulada e compartilhada entre os participantes; a representação é fabricada: exótica, fictícia, no

¹² Em contato por e-mail, no Facebook (7 fev 2015), perguntei-lhe sobre a dinâmica do evento. O maestro assim me respondeu: “Cada coral/grupo escolhe seu próprio repertório. Mas, no caso deste ano, escolhi a música do Tim Maia, Descobridor dos Sete Mares para que todos cantem juntos ao final do encontro e num *Flash Mob* que faremos a bordo (...). Mas, dentro do assunto, há os encontros de corais em várias cidades. Há os festivais, as turnês, enfim, muita coisa ... Muita gente viajando pra cantar.” Ao perguntar de onde surgiu a ideia, ele respondeu que “o pai da ideia - é meu ex-cunhado: José Miguel Cechinato de Souza. Sua agência se chama Ranking Turismo”.

¹³ O autor descreve minuciosamente o repertório executado em várias datas, associando as listas de repertório ao público-alvo, salas de execução, classe da embarcação, distribuição do espaço físico entre audiência e músicos

âmbito de uma geografia imaginada assim como o são a Disneylândia, o Club Med ou Las Vegas (CASHMAN, 2014, p. 89).

Mas, se a indústria do turismo procede de maneira similar em outras excursões em terra, no cruzeiro o isolamento em alto-mar, - ao contrário do sentimento de insegurança dos imigrantes de terceira ou quarta classe do passado-, o cruzeiro proporciona conforto, tal qual o molusco na sua concha.

*

* *

Minha experiência pessoal como viajante em cruzeiro¹⁴ não é típica, uma vez que o que menos me interessa é, justamente, as diversões que a direção artística do cruzeiro oferece. Por essa razão, observar repertórios musicais e respectivos comportamentos de escuta dos turistas se torna mais direta. Dentre os espaços destinados a “não fazer nada” e aqueles para “a curtidão”, as atitudes e repertórios variam consideravelmente – mesmo quando há um “tema” no cruzeiro, tal é o caso do Prata *alla Italiana*, oferecida pela Costa, com direção artística de Dick Danello. Nas *lounges* junto à área central, geralmente se encontra um piano-bar, ou grupo de câmara e o público presente ali está para passar o tempo com um *drink* na mão; há bares mais reservados, em que pianistas se revezam ao longo da noite. Nos salões à meia-luz, reproduzem-se sucessos do passado (*flash-backs*) destinado à dança em pares. Também se inclui repertório recente, geralmente de música popular brasileira de caráter massivo, com ênfase no “sertanejo” e a variante carnavalesca baiana do ano. Este parece ser um dos preferidos também nas sessões de *karaokê*. Nas áreas abertas, junto à piscina, executam-se peças com apelo à dança, mesclados às coreografias mais afeitas ao *fitness*, não importando o gênero musical em questão; já a discoteca avança noite adentro com muito ruído e apelo ao corpo, a ponto de levar ao torpor e exaustão. Há ainda a zona do cassino, em que a presença de música ao vivo nem sempre ocorre. De todo o modo, numa noite cheia, uma superpopulação de sons oriundos das máquinas caça-níqueis congestionam a paisagem sonora.

A área nobre – o grande teatro – oferece espetáculos no horário do jantar, normalmente em dois turnos. Baseados em espetáculos de sucesso na Broadway, bailarinos, acrobatas e cantores fazem praticam uma competição de desenvoltura

¹⁴ Entusiasta pelas travessias em alto-mar, fiz a travessia pelos Cruzeiros “Prata”, oferecidos pelas armadoras Costa, MSC e Royal Caribbean, entre 2014-2017. De um modo geral, o balanço que ora apresento sintetiza experiências semelhantes, durante os anos consecutivos.

muscular, *vibrati* e decibéis, compondo uma narrativa meio descabida, com a intenção maior de mostrar técnica e força (aqui, em vários sentidos...).

Mas é importante destacar algumas exceções: Ainda que este seja o padrão, o mesmo MSC Magnifica trouxe Stephania Barz para cantar árias de ópera, quando da estreia do navio, no Mediterrâneo. Mas, para o público frequentador majoritariamente de nacionalidade italiana, ópera é popular – correspondendo, em alguma medida, às preferências dos viajantes.

Dito isto, parece que o modelo geral dos cruzeiros de há quase cem anos se preservou, não obstante os diferenciais proporcionados pela tecnologia, em termos de segurança na navegação e possibilidade de estender o serviço a um público cada vez maior diminuindo, assim, os custos financeiros.

De outra parte, esta mesma evolução tecnológica extinguiu, dentre tantos outros, uma parte significativa da tripulação: os músicos. O espetáculo noturno, no grande teatro se desenrola com pacotes de acompanhamento instrumental que executam em *playback* simulando combos de jazz, orquestra sinfônica ou qualquer outra agrupação. Todos os bares e *lounges* contam com um grupo de no máximo três músicos, sendo o restante do conjunto ou orquestra um computador portátil (*notebook*), uma placa de som e uma caixa acústica acoplada. Este músico quase que solitário será aquele que toca música de fundo para quem estabelece uma conversa descompromissada, ou para quem se perde nos seus pensamentos, às vezes passando por momentos de catarse emotiva, nutridos pela nostalgia que algumas canções trazem...

E o canto das sereias? (Conclusões:)

Sobre a cidade a tarde cai de manso
Começam a acender-se as luzes mortijas
Nos longos mastros dos transatlânticos ancorados,
Como e longo o cais envolvendo a cidade inteira
Com os chatos armazéns e os guindastes em fila!
Santos, Rui Ribeiro Couto

O poema de Rui Ribeiro Couto, poeta santista e diplomata (1898-1963) revelam bem a paisagem da cidade na primeira metade do século XX. Sem arranha-céus, as construções baixas aproximavam a vida marítima da rotina das pessoas que ali viviam. A chegada e a partida dos navios era um acontecimento que estremecia a cidade, sobretudo quando se tratava de embarcações de passageiros: “A chegada de um transatlântico no porto de Santos era um verdadeiro espetáculo. Eram centenas de pessoas que chegavam,

milhares que iam esperá-las. Havia risos e lágrimas, gritos alvissareiros e silêncios comovidos, acenos de lenços e abanos de mão, enquanto um navio de passageiros chegava ao cais- das centenas que aqui escalavam” (GIRAUD, 2001, p. 17).

Hoje, como atividade de turismo de massa, muita coisa mudou. A cidade não consegue ouvir as chegadas e partidas, salvo em um raio estreito de distância. O emparedamento da orla, do canal garantem a visibilidade e a audibilidade tão somente daqueles que espreitam a passagem das embarcações pelas janelas dos apartamentos... A chegada de turistas, não em centenas, mas em milhares, congestionam os terminais de embarque. Ao invés do desfile dos passageiros, visíveis pelos que observam ao longe, formam-se filas, distribuídas em zonas, faixa etária etc. Até o levantar âncoras, bagagens, pessoas e copos de coquetéis se trombam nas filas dos elevadores. Toca o apito, a equipe de animação chama para dançar e, no caso de Santos, a despedida se faz à beira da piscina, uma sequência de peças *axé-music*, com gravações de Ivete Sangalo e o convite à dança coletiva. (Em outros portos, faz-se a substituição equivalente, levando em conta a cultura local).

Esta é uma breve descrição do que ocorre nos primeiros momentos de um cruzeiro que, como afirmamos anteriormente, com base em Morin (1962) tornou-se como atividade corriqueira do tempo livre como cultura de lazer, inserida num tempo em que a tecnologia passou a facilitar a realização de atividades domésticas. Trata-se de conveniente opção para toda a família - afinal, o universo flutuante oferece distração e diversão para todas as idades, além de proporcionar férias da rotina doméstica, que inclui tarefas extenuantes e inescapáveis como o preparo das refeições da prole.

Antes de concluir, gostaríamos de chamar a atenção para o período que corresponde aos anos dos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff. A criação e políticas públicas dirigidas às pessoas menos favorecidas economicamente gerou aquilo que se designou como classes D e E; isto é, novas categorias de consumidores de baixa renda que até então não tinham tido acesso a vários bens e serviços.

Como consequência direta dessas políticas, após algum tempo, surgiram produtos turísticos ao alcance financeiro desse público, mediante pagamento em pequenas prestações; alguns com os todos os serviços e consumo previamente incluídos (especialmente de bebidas). As estratégias empreendidas pela indústria do turismo geraram um *boom* no setor (observe-se a quantidade de navios atracando no porto de

Santos em 2015, por exemplo). O cardápio musical atenderia ao gosto dessa clientela de formação pouco letrada.

Os anos de 2016 e 2017 apontaram para uma queda no consumo de cruzeiros turísticos, resultado da severa crise financeira que atinge o Brasil. Serviços tiveram queda de qualidade a oferta de navios decresceu sensivelmente. Não obstante, o repertório musical se manteve o mesmo, sob as mesmas circunstâncias performáticas: predominância dos gêneros popularescos (das paradas de sucesso), com destaque para os denominados sertanejos. Tal perfil aponta, assim, para uma certa estabilidade na fixação de uma paisagem sonora e musical, em grande medida pautada por uma clientela que não se habituou a escutar outros gêneros musicais, do passado, ou de outras culturas; outra razão, não menos importante é que alguns diretores de cruzeiro se mantêm por longos anos, criando e chancelando uma marca pessoal – ainda que as decisões sejam resultado de discussões de uma equipe internacional.

La nave va... .. Nel blu, ti pinto di blu... cruzando os mares e oceanos, com um copo na mão, uma música ao fundo e o cartão de consumo no bolso, buscando alegria, prazer e, mais que tudo, ilusões...

REFERÊNCIAS:

- AUGÉ, M, *Não-lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, Papirus, 1994.
- CASHMAN, D. Music Music and (Touristic) Meaning on Cruise Ships: The Musicscape of the MV Carnival Paradise as a Semiotic Tourism Product . In: *Journal of the International Association of Popular Music*, vol. 4, nº 2, disponível em: www.iaspmjournal.net, consulta, 13 mai 2017.
- DIAMOND, J., Juventino Rosas (1868-1894). *The Johann Strauss Society of Great Britain*. <http://www.johann-strauss.org.uk/composers-n-z.php?id=187> August 2015. Acesso em 20 abr. 2018.
- ELISEO, M.; PICCIONE, P., *Transatlantici – storia delle grandi navi passeggeri italiane*. Gênova: Tormenta, 2003.
- GIRAUD, L. J., *Transatlânticos em Santos (1901-2001)*, Edição do autor, 2001.
- MONTEIRO, M. Viagem no Atlântico Sul: *Museu do emigrante*. <http://www.museu-emigrantes.org/a-memoria/memorias-de-viagem/por-mar.html>, Acesso em 13 mai 2018.

MORIN, E., *Cultura de massas no século XX- o espírito do tempo*. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

SCHAFER, R. M., *A afinação do mundo*. São Paulo: Edunesp, 2001.

VALENTE, H., *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2003.

_____, “Canção artística, canção popular, canção das mídias: memória e nomadismo”, in VALENTE (org.), *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2007.

ZUMTHOR, P., *Performance, recepção, leitura*. São Paulo, Cosac & Naify, 2007.

Fontes audiovisuais e da Internet:

I Salonisti *And the band played on- music played on the Titanic*. Disco CD. Londres, Decca, 1997.

The Carl Wolfe Orchestra. *Music Aboard the Titanic*. Disco CD. Brisa Entertainment, 1998.
<https://www.amazon.com/Music-Aboard-Titanic-Wolfe-Orchestra/dp/B000R034MY>

Veja os 15 cruzeiros temáticos com vagas em 2015. Viagens com foco em gastronomia, fitness, bem-estar e saúde ocorrem até abril. *Terra: Vida e estilo*.

<http://vidaeestilo.terra.com.br/turismo/cruzeiros/veja-os-15-cruzeiros-tematicos-com-vagas-em-2015,8991dc4ed530b410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em 20 abr. 2018.

Cruzeiro Vocal: Santos-Búzios 2015. *Cruzeiro Vocal*
<http://cruzeirovocal.blogspot.com.br/>. Acesso em 13 mai 2018.

Royal Caribbean:
<http://www.royalcaribbean.com.br/findacruise/ships/class/ship/home.do?dest=&shipClassCode=OA&shipCode=AL&br=R>. Acesso em 13 mai 2018.